

O MINISTÉRIO

ADVENTISTA

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



QUANDO E PORQUE CELEBRAR

Reflexões de fim de ano

O horizonte do ano de 1992 já está quase mostrando o seu colorido crepuscular. É momento de reflexão, avaliação, e estabelecimento de propósitos para o próximo ano. Certamente este foi um ano de muitos embates, mas a poderosa mão do nosso Deus sustentou-nos e guiou-nos a significativos triunfos. Isso nos dá a certeza de que o futuro será brilhante, sem nada a temer, “a menos que nos esqueçamos a maneira maravilhosa pela qual Deus guiou o Seu povo no passado”, como diria Ellen G. White.

Os escritos do apóstolo São Paulo nos oferecem três idéias para reflexão, a propósito do final de mais um ano. Primeiramente, diz ele “. . . e sede agradecidos” (Col. 3:15). Esse deve ser o sentimento transbordante em nosso ser, ao rememorarmos as vitórias concedidas ao longo dos dias passados. O Senhor nos outorgou o indizível privilégio de labutarmos lado a lado com Ele na salvação de almas. Assim, fomos Seus instrumentos, utilizados para levar alívio às almas dilaceradas pela dor, salvação aos perdidos, união aos desgarrados, alegria aos entristecidos.

Mesmo no exercício de tão nobre missão, também enfrentamos momentos marcados por aparentes reveses. Devemos ser agradecidos também por essas ocasiões. Elas sempre são obreiras nas mãos divinas, para formação do nosso caráter; representam oportunidades áureas para o exercício da fé. “Em tudo dai graças. . .” (I Tes. 5:18).

A segunda idéia a ser ressaltada está em Filipenses 3:13 e 14: “. . . esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”.

Paulo está falando da caminhada em busca da perfeição cristã. Mas podemos aplicar seu ensino às lutas do ministério. Há, sem dúvida, muita coisa que desejamos, necessitamos e, felizmente, podemos esquecer: os erros cometidos, os deslizes pessoais, os supostos males feitos a nós, as incompreensões, etc. Nada disso deve estorvar-nos em nossa prossecução “para o alvo” dos ideais estabelecidos para o nosso trabalho.

Nem mesmo deveríamos nos permitir ficar deitados nos louros de vitórias memoráveis obtidas ontem. Sem demonstrarmos ingratidão para com um passado de glórias, precisamos ter em mente que nosso alvo é prosseguir. As maiores vitórias ainda estão diante de nós.

Finalmente, convém meditar no conselho dado aos Efésios: “Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e, sim, como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus” (Efés. 5:15 e 16).

O ministro de Deus não tem o direito de viver para o que é banal e fútil. Cada minuto que lhe é concedido é por demais precioso para ser esbanjado em quinquilharias intelectuais, ou mesmo espirituais. Nada menos que estar preparado ao máximo; crescer espiritualmente segundo o Modelo — Cristo Jesus, é o que dele se requer. A Igreja não espera menos que isso, o rebanho tampouco, muito menos o Céu.

Portanto, aproveitar o tempo naquilo que “é verdadeiro, respeitável, justo, puro, amável e de boa fama (Fil. 4:8), é o ideal do verdadeiro ministro.

Os acontecimentos que estão tendo lugar ao nosso redor apontam para o fim iminente da história do mundo, e conseqüente retorno do Senhor Jesus Cristo. Como Seus mordomos, devemos ser encontrados fiéis na execução da tarefa que nos foi confiada: cuidar da Sua caríssima aquisição — o rebanho comprado com Seu precioso sangue —, e a salvação dos perdidos. Nisso, não temos tempo a perder. — **Zinaldo A. Santos.**

O MINISTÉRIO

ADVENTISTA

Ano 63 - Número 6 - Nov/Dez. 1992 - Periódico Bimestral
Uma Revista Para Pastores e Obreiros

EDITORIAL

REFLEXÕES DE FIM DE ANO

Zinaldo A. Santos

ARTIGOS

4 QUANDO E PORQUE CELEBRAR

Richard Fredericks

9 O CAPELÃO — MINISTRO DE AMOR E GRAÇA

Francisco Lemos

12 OS PERIGOS DA PROCRASTINAÇÃO

Volnei Kühn

14 PLANEJANDO PARA O SUCESSO

Steven Haley

17 O TRIGO E O JOIO IDENTIFICADOS

Ruben Aguilár

23 O VERDADEIRO SIGNIFICADO DO BATISMO DE JESUS

Moisés Mattos

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Diretor de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Darlene Camargo; **colaboradores Especiais:** Amasias Justiniano, Jaime Castrejón; **Colaboradores:** Wilson Sarli, Pável Moura, Jefé Carvalho, Newton Brito de Oliveira.
Capa: Willian/Casa

Todo artigo ou correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA deve ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279-970 — Brasília, DF.
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 — Km 106 — 18270-000 — Tatuí, SP.

Quando e Por Que Celebrar

RICHARD FREDERICKS

*Pastor da igreja de Damascus,
Maryland, EUA*

Recentes mudanças em diversas congregações adventistas nos Estados Unidos, e em outros lugares, têm levantado a questão de ser o chamado “culto de celebração” uma ameaça neopentecostal. Algumas pessoas até consideram perigoso o simples uso da palavra “celebração”, associada a algum componente do serviço de culto. Seria tal preocupação justificável?

Este artigo não é uma análise das congregações adventistas autodenominadas “centros de celebração”. É apenas uma tentativa de advertir quanto a algo parecido com o perigo de se querer rejeitar um bebê só porque ele pode chorar à noite, molhar a cama ou sujar a banheira.

Independente da visão que alguns têm do chamado “movimento de celebração” no adventismo, o real ou suposto abuso de uma coisa boa não deve impedir o seu legítimo uso. Afinal, embora cobiçosos mercenários constantemente estejam fazendo mau uso da Bíblia, nós continuamos a estudá-la. A sociedade desvirtuou o uso do dinheiro e o próprio sexo. Mas Deus não nos chamou para sermos pobres celibatários. Alguns críticos do “movimento de celebração” afirmam categoricamente que não vivemos em tempo de celebração. Isso deve ser feito na volta de Cristo, dizem eles. Possivelmente estamos perdendo algo belo se levarmos muito a sério esse discurso. O verdadeiro evangelho requer louvor. Isto é fundamental para a vida e o evangelismo da Igreja Adventista. É vital para a saúde dos cristãos como indivíduos. Sem isso nossas almas enlanguescem.

Se isto é verdade, deve estar bem claro na Bíblia. E efetivamente está. Em meio aos esforços para sermos cristãos autênticos em um mundo espiritualmente decaí-

do, o chamado bíblico para celebrar a preciosa graça de Deus, torna-se simplesmente urgente. Especialmente à medida em que a volta de Cristo se aproxima, o culto cristão deve caracterizar-se pelo contentamento, confiança e encorajamento.

A Bíblia não nos chama para escolher entre celebrar e lamentar. Ensina-nos quando e por que devemos viver cada uma das duas experiências.

O foco do louvor

Cultuar é um verbo. Implica devoção ativa. Deve o culto ser caracterizado pela celebração, ou pelo gemido e clamor “por causa das abominações que se cometem na Terra”? A resposta depende primeiramente de qual seja o foco do nosso louvor: está ele centralizado na grande salvação de Deus, através da morte de Cristo, ou em nosso desejo de alcançar perfeição de caráter?

É o culto coletivo o momento de focalizarmos sobre nós mesmos e o que estamos fazendo por Deus ou, antes, sobre o que Deus é e o que Ele tem feito por nós? A resposta é determinada em grande parte pela base sobre a qual nós colocamos nossa esperança de salvação. Se confiamos na todo suficiente perfeição da vida, morte e ressurreição de Cristo, então nosso culto celebrará segurança nEle. Mas se fundamentamos nossa esperança em uma futura perfeição da geração final, então o culto torna-se limitado pela aflição por causa de nossas falhas em alcançar esse ideal.

Tudo o que conquista nossa atenção, também nos conquista. Se o tema predominante

e o foco do louvor está sobre nós mesmos — mesmo sobre nosso desejo de sermos cheios do Espírito, inocentes —, então estamos consentindo com o louvor próprio farisaico (S. Luc. 18:9-12; S. Mat. 7:22 e 23). De igual forma, se nosso culto focaliza os altos e baixos da denominação, teremos um louvor próprio coletivo.

Admitindo a teologia de muitos que condenam cada forma de culto de celebração, é possível aceitar que sua oposição a isso é justificada. Se a mensagem adventista requer preocupação com a nossa própria inocência, então o culto torna-se um tempo de aflição. Humildade legítima é resultado de nos focalizarmos à luz da santidade de Cristo: “Quanto mais nos achegarmos a Jesus e mais claramente discernirmos a pureza de Seu caráter, tanto mais claramente discerniremos a extraordinária malignidade do pecado, e tanto menos teremos a tendência de nos exaltar. ...

“Nenhum dos apóstolos ou profetas jamais pretendeu estar isento de pecado. ...

“A cada avanço na experiência cristã nosso arrependimento aprofundar-se-á. ... Saberemos que só em Cristo temos suficiência. Faremos nossa a confissão do apóstolo: ‘Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum.’ ‘Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.’”¹

A questão básica é se o culto representa um momento para focalizar sobre nós mesmos ou sobre Deus. Salomão escreveu: “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: Há tempo de nascer, e tempo de morrer, tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derribar, e tempo de edificar; tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de saltar de alegria” (Ecl. 3:1-4).

Evidentemente, todas essas coisas, incluindo o pranto e o riso, têm seu lugar próprio na vida humana. Assim, há um tempo para profundo arrependimento e um tempo para grande confiança; um tempo para encarar nossos pecados e um tempo para regozijo em nosso Salvador. A Bíblia é clara.

Quando nós focalizamos sobre Cristo crucificado, ressurreto, e prestes a vir, a exultação é inevitável. Na verdade, é vergonhoso não fazê-lo. Ellen White censura os que criticam a manifestação de entusiasmo à luz da graça de Deus:

“Seu braço trouxe salvação. O preço foi pago para obter a redenção do homem, quando, à última alma em luta foram proferidas as abençoadas palavras, como que ressoando através da criação: ‘Está consumado’... Aí está um tema, miserável formalista, que é suficiente para excitá-lo. Sobre esse tema é pecado permanecer silencioso e desapaixonado. As cenas do Calvário clamam por profunda emoção...”²

Não há dúvidas sobre isso. O centro do verdadeiro culto cristão é a celebração da vitória da cruz, pela qual:

1. Deus tanto amou o mundo que deu o Seu Filho único como sacrifício expiatório (S. João 3:16; I João 4:9 e 10).

2. O curso do pecado em nossa vida foi mudado pela suficiência da vida de Cristo, permitindo-nos ser apresentados completos nEle diante do Pai (Col. 2:9 e 10; Heb. 10:14).

3. Cristo recebeu a punição a nós reservada, fazendo uma expiação totalmente capaz, livrando-nos da ira de Deus (Col. 1:19-22; Rom. 5:9 e 10).

4. Jesus prometeu jamais abandonarnos (S. Mat. 28:19 e 2).

5. Temos a garantia de que quem tem o Filho tem a vida eterna, e não sofre condenação (I João 5:11-13; Rom. 8:1, 31-39).

6. Depois de aceitarmos o evangelho da nossa salvação, somos selados em Cristo com o Espírito Santo da promessa (Efé. 1:13 e 14).

Diante de tudo isso, exuberância e destemor são duas características do culto no Novo Testamento (Rom. 14:17; Fil. 2:17 e 18; 3:1; 4:4; I Tes. 5:16-18; Heb. 4:16; 10:19-23).

Tempo de chorar

As 5h30m de cada manhã, eu me levanto para caminhar e conversar com o Senhor. Enquanto caminho, leio um Novo Testamento de bolso através do qual Deus fala à minha alma. Por algumas semanas, recentemente, aprofun-

do qual Deus fala à minha alma. Por algumas semanas, recentemente, aprofundi-me na leitura de Efésios 4 e 5 e Colossenses 3, que comunicam o extraordinariamente elevado chamado para santidade em Cristo. Manhã após manhã Deus humilhou a minha alma, advertindo-me das fraquezas da minha vida e chamando-me para um elevado compromisso com a santidade.

Numa ocasião de auto-exame é apropriado que estejamos contritos diante de Deus (Isa. 55:6-12; I Ped. 5:6). Esse é o tempo para humilhação, lamento e confissão de pecados; o tempo para sentir fome e sede da verdadeira justiça de Cristo, a qual excede a dos escribas e fariseus que gastam toda a sua vida buscando uma justiça interior por seus próprios méritos (S. Mat. 5:3-7 e 20; 6:33; Fil. 3:7-10).

Um exame pessoal e coletivo, se desenvolvido sob a direção do Espírito, produz o mesmo resultado: humildade, à luz de nossa indignidade (S. Luc. 17:10). A igreja necessita compreender que mesmo nossas melhores realizações são um constante convite à contrição. A cada avanço no caminho cristão, essa experiência deve se aprofundar.

As obras de Deus

Por mais minucioso que seja, um exame pessoal e coletivo, não é o centro do verdadeiro culto cristão. David declara: "Exaltar-Te-ei, ó Deus meu, e Rei; bendirei o Teu nome sempre... Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado;... Uma geração louvará a outra geração as Tuas obras, e anunciará os Teus poderosos feitos. Meditarei no glorioso esplendor da Tua majestade, e nas Tuas maravilhas. Falar-se-á do poder dos Teus feitos tremendos, e contarei a Tua grandeza. Divulgarão a memória de Tua muita bondade, e com júbilo celebrarão a Tua justiça" (Sal. 145:1-7).

O culto como celebração da bondade exclusiva de Deus é algo muito claro nos Salmos. Mas, o que dizer a respeito dos últimos dias? Foi porventura transferido o foco do louvor, dos grandes atos de Deus no passado (que produzem esperança futura), para a confiança em nossos esforços próprios em busca de perfeição? Produz porventura o crisol do apocalipse um povo que pode finalmente cantar: "Digno é o Cordeiro — e eu?"

Não, evidentemente. As Escrituras jamais mudaram a orientação para comunidade adoradora. Eis o louvor daqueles que são vitoriosos sobre a besta e a sua imagem: "...Grandes e admiráveis são as Tuas obras, Senhor Deus, todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não temerá e não glorificará o Teu nome, ó Senhor? pois só Tu és santo; por isso todas as nações virão e adorarão diante de Ti, porque os Teus atos de justiça se fizeram manifestos" (Apoc. 15:3 e 4).

Nossa fortaleza

Vejamos que tipo de louvor Deus esperava de Seus filhos nos dias de Neemias (Neem. 8:9 e 10). A colocação é feita depois que os judeus retornaram à Jerusalém, vindos do cativeiro babilônico. Eles se tinham afastado de Deus e esquecido o *Torah*, mas agora um remanescente havia voltado para reconstruir sua cidade e sua fé. Esdras os dirigiu a um estudo do livro de Moisés, de tal maneira "que entendessem o que liam" (8:8). O povo sentiu tanta angústia por haver se afastado da vontade de Deus, que começou a chorar. Esdras, Neemias e os líderes responderam: "...Este dia é consagrado ao Senhor vosso Deus, pelo que não pranteeis, nem choreis; ... Ide, comei carnes gordas, tomai bebidas doces e enviais porções aos que não têm nada preparado para si; porque este dia é consagrado ao nosso senhor; portanto não vos entristeçais, porque a alegria do Senhor é a vossa força." (vs. 9 e 10).

De acordo com a leitura de Neemias, o povo tinha reais imperfeições e problemas pelos quais se afligir. Mas depois que eles retornaram para Deus, deveriam louvá-Lo, ouvir Sua Palavra redentora e focalizar nEle sua alegria. Nesse contexto, a alegria do Senhor era sua fortaleza, a maior fortaleza de que necessitavam para enfrentar e vencer seus pecados na batalha da vida espiritual.

A Bíblia torna claro que em Cristo somos todos absolvidos diante de Deus (Rom. 5:1; 8:1). Por causa desse veredicto (Rom. 8:31-34), vivemos agora os alegres anos do jubileu. Notemos a confissão de louvor feita pelo profeta Isaías: "E a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria

em vez de pranto, veste de louvor em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça. ... Em lugar da vossa vergonha tereis dupla honra, em lugar da afronta exultareis na vossa herança. ... e tereis alegria perpétua (Isaías 61:3-7).

Isaías muda sua fala para uma primeira pessoa confessional para expressar a atitude da comunidade de Cristo em louvor, numa confissão do regozijo naquilo que Cristo tem feito por nós: "Regozija-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegra no meu Deus; porque me cobriu de vestes de salvação, e me envolveu com o manto de justiça, como noivo que se adorna de turbante, como noiva que se enfeita com as suas jóias. Porque, como a terra produz os seus renovos, e como o jardim faz brotar o que nele se semeia, assim o Senhor Deus fará brotar a justiça e o louvor perante todas as nações" (vs. 10 e 11).

Começa a real celebração

Quando Jesus Cristo saiu da tumba, a real celebração começou. As promessas proféticas do Velho Testamento tornaram-se realidade histórica, e isso formou a substância da celebração. O novo concerto de um povo justificado em Cristo foi ratificado e selado por Sua morte e ressurreição (Rom. 4:25). Assim, como cristãos nos regozijamos, pois em Cristo já temos sido "justificados pelo Seu sangue" (Rom. 5:1), "aproximados (de Deus) pelo sangue de Cristo" (Efé. 2:13), experimentado "a paz com Deus" (Rom. 5:1), capacitados para "partilhar a herança", libertos "do domínio das trevas" e "transportados para o reino de Seu bem-amado Filho" (Col. 1:12 e 13).

Em cada um desses versos, os verbos denotam o que Deus já realizou por nós, em Cristo. Ele foi absolutamente vitorioso sobre o pecado, a morte e o mal. Sua vitória é nossa, na medida em que exercemos fé nele. Por conseguinte, como cristãos, nós atuamos a partir da vitória, não em direção a ela.

Em S. Lucas 10:17-21, nós encontramos os discípulos alcançados em sua própria experiência. Eles focalizam sobre si mesmos e o que eram capazes de realizar em nome de Cristo. Jesus afirmou Seu poder em suas vidas, mas os adverte quanto a não regozijarem-se em sua experiência sub-

jetiva — mesmo sendo positiva. Ao contrário, Ele diz: "regozijai-vos nisto: Que vossos nomes estão inscritos nos Céus". Em outras palavras, se nós aceitamos o evangelho da salvação, pelo sangue de Cristo, nosso Senhor ordena-nos regozijar em que, pela graça de Deus, nossos nomes estão registrados no livro da vida do Cordeiro.

Os discípulos finalmente compreenderam esse foco do evangelho, depois da cruz e do Pentecoste. Nunca na história a Igreja foi tão vitoriosa como na Era apostólica, e, todavia, o foco inteiro de sua pregação, oração, testemunho, segurança e discipulado (como bem o descreve o livro de Atos) era Cristo crucificado e ressurreto, não a experiência dos discípulos. Aí estava o segredo do seu poder.

O Pai ordena

Jesus introduziu três parábolas em S. Lucas 15, em resposta às acusações dos fariseus de que Ele Se reunia e comia com pecadores. Cada uma delas termina com um chamado para regozijo na aceitação, por parte de Deus, dos perdidos e indignos (S. Luc. 15:5, 7 e 10). Se os anjos celebram cada pecador arrependido que se encontra com Cristo, não deveríamos nós, pecadores arrependidos, também celebrar nossa salvação em Cristo?

A terceira parábola, a do Filho Pródigo, merece mais cuidadosa consideração. Aqui Jesus introduz o conceito que nossa disposição para regozijar torna-se o marco de um autêntico relacionamento com o Pai. Conhecemos a história. O filho mais novo, egoisticamente, afastou-se do amante pai e esbanjou sua herança nos prazeres pecaminosos "numa terra longínqua". Acabou comendo bolotas com os porcos. Essa é a resumida e realística descrição que Cristo faz da vida separada de nosso Pai celeste.

Finalmente, o filho perdido recupera o bom senso (obra do Espírito Santo). Faz três escolhas essenciais: Decide voltar para o pai, confessar seu pecado cometido contra ele, e atirar-se de cima da sua indignidade para a misericórdia paterna.

Enquanto o jovem vinha ao longe, o pai divisou-o e também fez três coisas: demonstrou-lhe compaixão, abraçou-o, e cobriu a desgraça do pródigo com seu magnífico manto, enquanto também res-

taurava nele o toque da filiação. Essa é a base de nossa celebração cristã.

Não é isso uma boa nova? Na verdade, é a melhor nova e deve fazer-nos exultar; justamente o que o pai ordena: "...comamos e regozijemo-nos..." (vs. 23).

A parábola, no entanto não termina aí. No irmão mais velho Jesus simbolizou a religião dos fariseus, tão absorvida na busca de salvação através de méritos próprios, que eles não tinham tempo ou anelo pelo dom de Deus em Cristo. Esse irmão voltava do trabalho no campo e deparou-se com a festa. Enfureceu-se. Como ousavam celebrar? Pensou na inútil e impura vida do outro irmão, comparada a seu próprio elevado zelo em guardar os mandamentos do pai. Pensou na falta de perfeição moral do pródigo. Que havia para celebrar? (vs. 29 e 30).

Mas o pai ainda não havia respondido à justificação própria do irmão mais velho. Na verdade, ele ofereceu ao orgulhoso filho exatamente o que o jovem irmão aceitara tão livremente — tudo. Jesus finaliza a história com as palavras do pai, convidativas a uma reflexão: "Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado" (S. Luc. 15:32). Tão logo abraçamos o evangelho, a celebração tem início. Mas deveria ela continuar em tempos difíceis, quando as provas, circunstâncias adversas, e a fúria do demônio, nos ameaçam? Novamente a chave é Cristo crucificado, como a motivação e segurança da vida cristã. Se Cristo Jesus é o Senhor e nós continuamos caminhando com Ele, então com Paulo podemos exultar: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rom. 8:31).

O capítulo 16 do livro de Atos ilustra como Paulo aplicou os princípios da celebração em sua própria vida. Enquanto evangelizava a colônia romana de Filipos, ele libertou uma jovem criada do demônio, colocando fim à fortuna de um lucrativo negócio. Seu patrão agitou o povo. Paulo e Silas foram açoitados e finalmente encarcerados.

Pode você imaginar mais desencorajadora circunstância? Mas o que fizeram os apóstolos? Eles cantaram. Na escuridão daquela meia-noite, acorrentados e maltratados, eles celebraram a bondade de Deus para com eles, em cantos de louvor. Paulo e Silas certamente não cantavam sobre si mesmos ou sobre as circunstâncias do momento. Cantavam sobre Deus, quem Ele é e o que tinha feito por eles através de Cristo.

Desse testemunho de louvor no sofrimento, brotou a salvação do carcereiro e de sua família. Eles foram tocados pela realidade do cristianismo, diante da coragem dos apóstolos em meio à terríveis circunstâncias.

Vamos celebrar

O Novo Testamento centraliza na cruz de Cristo a consumação da perfeita obra de Deus, pela salvação dos pecadores. Por causa disso o Novo Testamento é um livro de celebração e segurança: "...Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso celebremos a festa..." (I Cor. 5:7 e 8).

Como adventistas, nossa tendência é centralizar nossa identidade teológica ao redor do preparo para os eventos escatológicos. Parece que nossas crianças sabem mais a respeito do Tempo de Angústia, do Juízo Investigativo, das Sete Últimas Pragas, do que a respeito do dom da presente segurança através de Cristo — a qual é a base do verdadeiro preparo para o futuro. Não há segurança simplesmente em conhecer sobre os eventos finais. Até que encontremos segurança pessoal em Cristo, a própria Segunda Vinda será mais uma maldita ameaça do que uma bendita esperança. A teoria de que o verdadeiro evangelho é conquista de perfeição de caráter continua produzindo um paralísante farisaísmo em nosso meio. Não admira que muitos que não apreciam celebrar estão mais preocupados consigo mesmos, com a conquista do preparo em lugar de ser preparados; com a tentativa para alcançar a salvação em vez de partilhar a alegria de tê-la experimentado, em Jesus Cristo.

A solução não é simplesmente mais música contemporânea, nem mais intensa meditação e clamor por nossos pecados. A chave é Cristo, e Ele crucificado. O evangelho é a proclamação da grande salvação de Deus em Cristo Jesus (II Cor. 5:18-21; I Ped. 2:24). Sem esse evangelho nada temos a celebrar. Quando compreendermos isso, nós nos tornaremos uma comunidade em contínua celebração, a despeito das circunstâncias, porque nossa segurança estará em Cristo.

É impossível crer no evangelho e não celebrar nossa segurança em Jesus.

Referências:

1. Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, págs. 160 e 161.
2. Ellen G. White, *Testimonies*, vol. 2, págs. 212 e 213.

O capelão — ministro de amor e graça

FRANCISCO LEMOS

Redator da Casa Publicadora Brasileira



O capelão é um amigo em potencial, que acolhe o irmão diminuído pela doença.

Até 1850, a assistência médica e de enfermagem era considerada em grande parte uma responsabilidade da igreja. Ela mantinha a maioria dos hospitais. Os religiosos estavam sempre próximos da equipe médica e muitas vezes cuidavam da administração dos hospitais. Essa associação faz parte da história humana. Em Israel, o sacerdote diagnosticava, prescrevia e dava alta aos enfermos (Lev. 13). Muitos povos tradicio-

nalmente vinculam seus líderes religiosos ao cuidado da saúde.

Se por um lado o progresso científico facilitou o cuidado físico, por outro, estimulou a dicotomia — físico e espírito — o profissional médico é responsável pelo físico-mente de seus pacientes, ao passo que o espiritual é de responsabilidade dos religiosos. Essa tendência aprofunda-se, à medida que a ciência médica progride, tornando-se mais especializada no tratamento das enfermidades.

Atualmente, o trabalho em equipe é fundamental para a manutenção da vida. Além do médico, faz-se necessária a assistência de outros profissionais de saúde, a fim de garantir a saúde do paciente. Cristo agia

como uma equipe de saúde. Foi um médico-missionário, pois cuidava da saúde física das pessoas, sem esquecer o aspecto espiritual. A limitação humana e o progresso da ciência, porém, exigem trabalho em equipe. O capelão é parte de uma equipe de saúde que deve cuidar do paciente, considerando-o um todo indivisível.

Necessidades espirituais

O capelão se relaciona com diferentes tipos de pessoas. Seus pacientes têm origem em classes sociais e culturas diversas, mas em sua maioria são pessoas que admitem a dependência de Deus. Segundo Mary Hubert, “o homem tem marcante tendência para a dependência de Deus, e para confiar num Senhor soberano. É grato a Ele como o grande benfeitor, ama-O como fonte de bondade, sente tristeza e culpa quando O ofende”.

Batismo, comunhão, culto, oração, jejum, adoração e louvor são expressões legítimas da fé em Deus e um componente importante no estilo de vida de uma pessoa. Quando a hospitalização a impede de expressar sua religiosidade através dessas práticas, suas necessidades espirituais podem não estar sendo preenchidas. Essas necessidades vão além da simbologia expressa nos cultos. O homem necessita de um relacionamento vivo e pessoal com Deus, que inclua o saber-se amado e perdoado por Aquele de quem ele depende.

Relacionamento e perdão

O capelão pode ajudar o paciente a enfrentar a doença e o sofrimento e se for necessário encontrar o sentido dessas experiências. Joyce Trowbee define sentido como “A razão que o indivíduo dá para a experiência pela qual está passando”. — *Cuidado Espiritual do Paciente*, pág. 45. A busca de significado é essencial na vida. Mostrar à pessoa que Deus a está dirigindo, mesmo em sua experiência traumatizante, a tornará capaz de adaptar-se quando mudanças inesperadas surgirem.

A necessidade de amor e relacionamento acontece no contexto das relações hu-

manas significativas tais como o lar, trabalho, etc. Não só as crianças precisam de amor. Adultos que perdem um relacionamento humano, fonte principal de amor e apoio, tornam-se depressivos, doentes, e chegam a desejar a morte.

“A religião pode libertar ou esmagar, pode culpar ou libertar da culpa. Uma religião moralista, impregnada de tabus e que apresenta um Deus ameaçador, suscita o medo e com ele um mecanismo sinistro de endurecimento, de revolta e de mal.” — *Culpa e Graça*, pág. 176. O capelão deve ser o mensageiro de uma religião de graça perdoadora. Um mensageiro de Deus, portador de um espírito generoso, que torna leve a culpa do pecador. Ele o conduz ao Cordeiro de Deus que tira o pecado do homem.

Como ajudar

O homem é o único animal que sabe que deve morrer um dia, antes da hora. Ao adentrar um hospital na condição de paciente, a visão da morte torna-se viável e sempre aterradora.

O paciente é alguém à espera. É alguém que sucumbiu à fatalidade de um acidente, à enfermidade e ao tempo. Alguns acham que podem estar sendo punidos por algo que fizeram. Paul Tournier disse que “Uma consciência culpada é o sabor de nossa vida diária”. O impacto produzido pelo ressurgimento da culpa é sempre negativo e a enfermidade debilitante é terreno fértil para ela.

Sentir-se seguro e perdoado facilitará todo o processo de cura a que será submetido o paciente. O capelão pode usar diversos recursos para ajudar o paciente:

- *Estar presente.* Estar disponível é indispensável para convencer o paciente de que o capelão não desempenha uma função burocrática. Além disso, ele o verá como um amigo em potencial, que acolhe o “irmão diminuído pela doença”. — *O enfermo*, pág. 334.

- *Ouvir atentamente.* Não significa permanecer paralisado, mas envolver-se. É necessário bloquear as distorções e o desejo de contar as próprias experiências para não sufocar os pensamentos dos outros. O bom ouvinte faz a outra pessoa sentir-se importante. “Procurar interpretar as frustrações simuladas por trás de

críticas, ou mesmo de elogios, favorece muito a compreensão das necessidades das pessoas.” — *Atitudes Interpessoais em Enfermagem*, pág. 6.

O mais importante não é o tempo gasto ouvindo, mas como se escuta. “Os grandes líderes religiosos de todos os tempos têm sido aqueles que ouvem, por um lado, a voz de Deus e, por outro, a voz do povo.” — *O Ministério Adventista*, Jan. 1989, pág. 21.

• *O toque das mãos*. Segundo a Dra. Liliانا F. Daniel, o cultivo da expressividade das mãos deveria ser uma tarefa integrante do preparo profissional da equipe de saúde. O toque humano pode ser mais significativo do que uma simples palmadinha no ombro, ou algo que possa ser interpretado como um apelo sexual.

Para a Dra. Liliانا, há ocasiões em que o toque humano pode “falar” mais alto do que qualquer discurso. Tanto em momentos difíceis como alegres, em que a necessidade espiritual sobressai, em súplica ou gratidão, o toque da mão pode ter grande significado. Tocar a fronte, afagar os cabelos de uma criança ou de uma pessoa idosa pode transmitir conforto e apoio espiritual. Nutrindo a alma de sentimentos bons é que as mãos passam a produzir o bem.

• *Orar*. Sem ser inconveniente ou ofensivo, o capelão pode sempre orar com os pacientes. Dificilmente o enfermo rejeita uma prece. Através da oração pode se estabelecer um vínculo terno entre o paciente e o que ora por ele.

Prudência da serpente

“**O** trabalho espiritual de nossos hospitais requer reflexão, tato e vasto conhecimento da Bíblia. Os ministros que possuem essas qualidades devem estar ligados aos nossos sanatórios.” — *Conselhos Sobre Saúde*, pág. 293.

O capelão deve estar preparado para poder adaptar-se a situações adversas e distintas. Só assim ele poderá convencer o doente do valor único de sua própria vida, de seu ser ameaçado e de seu sofrimento aparentemente absurdo. O conselho de Jesus é: “Sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (S. Mat. 10:16).

Alguns cuidados precisam ser observados:

• *Não critique a religião das pessoas*. “O Senhor tem Seus representantes em

Considerado um ministério paralelo, a capelania hospitalar pode ser uma das mais fascinantes missões.

todas as igrejas. A essas pessoas as verdadeiras especiais para estes últimos dias não foram apresentadas sob circunstâncias que trouxessem convicção ao coração e à mente; portanto, ao rejeitar a luz, elas não romperam sua ligação com Deus. Muitos estão no limiar do reino, apenas esperando ser recolhidos.” — *Meditações Matinais*, 1992, pág. 309.

• *Aceite sem julgar*. Todos temem o julgamento alheio. E isto é muito mais verdade e sensível quando uma pessoa encontra-se enferma. A tendência julgadora dos religiosos tem afastado deles os sofredores. Muitos preferem um psicólogo ou psiquiatra, porque sabem que eles não os julgarão. Segundo Paul Tournier, estritamente falando é impossível não julgar. A saída é a aceitação do outro, através da graça e do amor de Jesus.

• *Não argumentar sobre o que é “certo” ou “errado”*. O exercício da apologia é estranho à situação do enfermo. Não force o ensino da religiosidade, a oração ou o estudo da Bíblia.

Dizem que “de médico e de louco todo mundo tem um pouco”, mas bancar o médico quando não se tem preparo para isso é muita loucura. O capelão não é a equipe de saúde. Ele faz parte dela. Permanecer em sua área de atuação, respeitando os colegas da equipe, só tende a beneficiar o paciente e o trabalho de todos. Evite apresentar opiniões, “diagnósticos”, etc.

Classificado como um ministério paralelo, a capelania hospitalar pode ser uma das mais fascinantes missões. Pastores e médicos, religião e ciência. Separados pouco podem fazer. Unidos pela graça de Cristo transformam-se em Sua mão salvadora.

Os Perigos da Procrastinação

VOLNEI KÜHL

Diretor de Mordomia da Associação
Catarinense

Como líderes, nós nos deparamos freqüentemente com a necessidade de tomarmos decisões importantes, ou respondermos a questões significativas. Mesmo assim, é possível que tenhamos sido surpreendidos pela tendência de deixar para depois. Qual é o seu caso? Que desafio está adiando? Que oportunidade está arquivando para o dia seguinte, e que deveria ser aproveitada hoje?

A esse tipo de comportamento dá-se o nome de procrastinação. Essa é uma palavra originada de duas raízes latinas: *pro*, que significa “para adiante”, e *cras*, que significa “amanhã”. Procrastinar, portanto, é prorrogar para amanhã, uma experiência que, no dizer de Erasmo, “traz perda, atraso e perigo”. Hesídio, por sua vez, afirmou que “o homem que procrastina está sempre em luta com a ruína”.

Acima de tudo, a procrastinação dificulta seriamente a realização das promessas de Deus. Isso ficou evidenciado na experiência dos israelitas, ao chegarem eles ao deserto de Padã, em Cades-Barnéia, nos limites de Canaã.

Ali, Deus ordenou a Moisés: “Envia homens que espieem a terra de Canaã, que Eu hei de dar aos filhos de Israel...” (Núm. 13:2). Em obediência ao mandado divino, Moisés selecionou doze homens fortes e valorosos, um de cada tribo, e os enviou ao Neguebe, a parte rochosa da Palestina. Esses homens se demoraram quarenta dias em sua missão. Ao retornarem, deram dois diferentes relatórios do reconhecimento que fizeram. O relatório da maioria foi caracte-

terizado pelo negativismo, impregnado de temor e pânico. Já o relatório da minoria, prestado por Calebe e Josué, era inspirador de coragem e ousadia.

Lamentavelmente, porém, esse relatório não foi o vencedor na preferência do povo. A exposição da maioria temerosa atraiu a atenção dos demais. E foi adiada a aceitação da promessa de Deus.

O capítulo 13 do livro de Números apresenta quatro fatos perturbadores a respeito da doença da procrastinação. O relatório, na verdade é um convite à reflexão pessoal, pois a terra prometida de bênçãos, somente será nossa se ousarmos avançar e possuí-la.

1. Dúvida da promessa divina

A promessa do Senhor não havia mudado enquanto o povo esteve acampado na fronteira da bênção. Deus afirmara a Moisés e ao povo, repetidas vezes, que Ele seria fiel em dar-lhes a terra prometida. Mas o povo duvidou.

Quando ignoramos a presença e o poder do Senhor, na análise de um desafio, o pânico nos atinge e adiamos uma ação ou decisão urgente e significativa. O que Deus prometeu na claridade, questionamos na escuridão. Segundo a Sra. Ellen G. White, os israelitas “em sua incredulidade limitaram o poder de Deus, e não confiaram na Mão que até ali os guiara com segurança” — *Patriarcas e Profetas*, pág. 406.

Procrastinação é, geralmente, a alternativa do hesitante pusilânime.

2. A visão do medo

Os israelitas usaram a capacidade dada por Deus para formar um quadro pior do que realmente era. A confissão da derrota foi expressa nas palavras da maioria: “E éramos aos nossos olhos como gafanhotos, e assim também o éramos aos seus olhos” (Núm. 13:33). Ou seja, a imagem que faziam dos filhos de Enaque era distorcida, e a imagem que tinha de si mesmos, depreciativa. Tornaram-se o que eles pareciam aos seus próprios olhos. Gafanhotos impotentes e insuficientes. “Aqueles que não estiveram dispostos a abandonar todo o pecado e buscar fervorosamente a bênção de Deus, não a terão” — *Idem*, pág. 218.

3. Influência perniciosa

O medo dos dez espias apelou para o medo da nação inteira. Espalhou-se por todo o povo de Israel, deixando a nação prostrada.

Quando você e eu damos um passo em retrocesso, em lugar de enfrentarmos os desafios corajosamente, espalhamos essa disposição de espírito entre os membros da igreja, amigos e companheiros de aventura em Cristo. Precisamos absorver o exemplo de Calebe, à medida em que levamos outros a perseverar.

O Senhor provê os meios para a execução de tudo aquilo que nos ordena fazer. “A vereda da integridade não é isenta de obstáculos, mas em cada dificuldade devemos ver um chamado à oração.” — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 498.

4. A perda das bênçãos

O povo de Israel disse “não” às promessas de Deus. Mesmo após todas as evidências dos milagres divinos e de Sua provisão para a vitória, eles desejaram retornar ao Egito.

Como resultado, a maior parte da ge-

ração israelita que seguiu o relato da maioria procrastinadora, jamais viu a Terra Prometida, sendo forçada a vagar no deserto durante mais trinta e oito anos, até que Josué e Calebe ofereceram novamente uma oportunidade de entrar na Terra para possuí-la.

Muitos líderes cristãos vivem como num deserto, sem espírito de aventura, impotentes, frios, sem a plenitude do poder de Cristo. Estão sempre dando um passo atrás nos desafios em que poderiam obter sucesso.

Qual é a nossa experiência como guias da Igreja? Temos verdadeiramente ousado em nossos planos e ideais? Na Missão Global? Ou seguimos o exemplo do povo de Israel no passado?

“Se todo soldado de Cristo houvesse cumprido seu dever, o mundo já poderia ter ouvido a mensagem de advertência. Enquanto os homens têm dormido, Satanás se nos há adiantado furtivamente” — *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 297.

Unamo-nos ao relatório da minoria. Juntamente com Calebe, vamos entrar e possuir a nossa Terra Prometida. “Subamos, e possuamos a terra, porque certamente prevalecemos contra ela” (Núm. 13:30).



Planejando Para o Sucesso

STEVEN HALEY

Pastor da igreja de Stone Mountain, Atlanta, Georgia, EUA.



“**O**bjetivos da igreja para o próximo ano.”

Colocadas no alto da página, essas palavras me deixaram atônito. Passaram-se dez minutos e eu não conseguira escrever alguma coisa embaixo. Mais dez minutos e, nada. O dilema anual de planejar para o ano seguinte havia me agarrado como uma força paralisante.

O que deveria minha igreja realizar no próximo ano? O que seria de fato realizável? Poderia este novo ano ser diferente dos anteriores? Deveria a igreja estabelecer objetivos para cada coisa? Quão importante para o ministro é ter um plano?

Quando os setenta discípulos saíram para a sua primeira missão evangelizadora, eles não iniciaram o trabalho com uma folha de papel na qual estivesse impressa a palavra “objetivos”. Mas iniciaram-no com um alvo, um propósito. Sabiam per-

feitamente o que deveria ser realizado. Planejaram para o sucesso e Deus os abençoou: “Então regressaram os setenta, possuídos de alegria, dizendo: Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo Teu nome!” (S. Luc. 10:17).¹

O ministério em nossos dias não é executado à semelhança das condições prevalentes na época dos setenta, que saíram sem “bolsa, nem alforje, nem sandálias...” (v. 4). Hoje nós dispomos de computadores, painéis, gráficos, videocassetes, etc. Mas o ministro de Cristo, apesar das mudanças tecnológicas da atualidade, necessita de um plano para alcançar um objetivo claro: Salvar pecadores, do mundo para Cristo. Nossos instrumentos podem ser outros, mas continuamos trabalhando na mesma obra-prima iniciada há dois mil anos.

Espontaneidade tem o seu lugar, mas ministério de êxito, quer no trabalho da

pregação, visitação ou ensino, requer planejamento. “Quer ele (o ministro) aprecie ou não, o programa da igreja não acontecerá. Nem pode ele ignorar seus deveres esperando que os leigos cuidem deles”, opina Robert Anderson, em seu livro *O Pastor Efetivo*, pág. 277. As grandes conquistas da igreja não acontecem por acaso. Pelo contrário, elas são concebidas como idéias e amadurecem através de um planejamento.

Uma filosofia

Durante cinco anos eu havia praticado a filosofia de um ministério planejado. Assim, estranhei que, subitamente, me parecesse difícil estabelecer alvos para a igreja. A princípio era uma tarefa fácil. Bastaria tomar as conquistas do último ano — batismos, colheita de almas, atendimento à Escola Sabatina, — e acrescentar a elas, por exemplo, 10% de previsão. E tudo estaria pronto. Objetivos imediatos. Sem exagero, sem demora. Sendo um pastor recém-chegado, eu poderia marcar presença. A igreja estaria organizada para crescer 10%. O próximo ano poderia ser um grande ano em meu ministério. Esses alvos estavam seguros. Atingíveis. Uns poucos sermões, um apelo especial aqui e ali, e seria tudo. Mas um importunante sentimento de dúvida prendia a caneta congelada em minha mão.

No ano passado, alguns objetivos foram alcançados, enquanto outros foram abafados na apatia congregacional. Alguns programas foram recebidos com bocejo; outros com uma pouco inspirada saudação, algo como: “boa sorte pastor”. Olhei de novo ao título da página: “*Objetivos da igreja para o próximo ano*”. Que objetivos realmente deveriam ser esses? Os meus? Os da Associação? Eu até poderia me sentir muito bem em relação a eles, mas, e a igreja?

Planejamento não deve ser uma questão que envolva o que esteja sendo recomendado à igreja, mas o que a igreja recomenda. Estabelecimento de alvos é um recurso aceitável para promover a Obra de Deus. Certamente o sucesso de nosso ministério pode ser medido por novas construções e expansão do número de membros. Mas devemos começar a lembrar a nós mesmos que esse sucesso, tal como o

próprio ministério, pertence a Deus. Não vamos confundir nossas habilidades para fazer as coisas acontecerem com o que Deus quer que aconteça. A um pastor de êxito foi dito: “Há uma quantidade enorme de pessoas que anos atrás ofereceram-se para o ministério e jamais viram seus alvos alcançados. Assim nós temos de entregar-nos a nós mesmos a Deus para realizar tudo quanto Ele deseja fazer por nós.”

Estabelecer objetivos, então, não é um teste das minhas habilidades pastorais. Pode até ser uma solitária atividade entre mim e uma folha de papel. Estabelecimento de alvos deve ser um exercício espiritual no qual a igreja é acoplada à vontade de Deus. Você e eu simplesmente ajudamos para que isso aconteça. Os planos são de Deus, não nossos. É maravilhoso o que acontece quando Deus substitui o nosso instinto de autopreservação profissional. Nós acabamos descobrindo que nossos alvos são realmente muito pequenos.

Eu também tenho encontrado que sabiamente Deus define a missão de alguém através de outros. Sua presença não está limitada a um indivíduo. É multiplicada entre Seu povo. Um amadurecido administrador certa vez advertiu-me: “Se você estabelece seus próprios alvos, terá de alcançá-los você mesmo”.

Ainda bem que minha folha de papel intitulada “objetivos” permaneceu em branco. Objetivos atirados de cima sobre os leigos são, quando muito, promovidos; e em último caso, ignorados. Não deveríamos envolver a igreja no estabelecimento de alvos, se queremos de fato alcançá-los?

Planejamento participativo

Há muito tempo a lógica reconhece a eficácia da administração participativa. “O mais efetivo processo de administração contemporânea é administração participativa”, diz Max DePree, no livro *Liderança é uma Arte*, pág. 22. Mas como fazer a igreja participar da elaboração de um planejamento?

Normalmente eu começo a planejar a partir de uma avaliação das reais necessidades de minha igreja. Essa compreensão envolve mais que uma revisão de orçamento e número de batismos.

No primeiro sábado do meu pastora-
do, uma senhora idosa aproximou-se de
mim e falou: "Pastor, por favor venha
visitar-nos na próxima semana. Você é
novato, e eu desejo falar-lhe a respeito de
nossa igreja". Durante a visita, ela falou-
me que aquela não era uma igreja qual-
quer. Era diferente. Tão diferente quanto
os membros que sentavam em seus bancos.

Reconhecer a unicidade de cada igreja
é talvez uma boa forma de começar o
programa de planejamento. A filosofia
de "um tamanho adequado para tudo",
não deve ter lugar no ministério. O que
uma igreja faz, pode ser inteiramente di-
ferente do que a outra faz. As realiza-
ções de uma igreja, no ano passado, po-
dem não ser as mesmas do próximo ano.
O ponto focal é: não imponha seus pla-
nos à igreja. Antes, leve-a a descobrir
seu ministério. Como Robert Coleman
admite, esse tipo de entrega de controle
pode ser difícil, e "mesmo planos acari-
ciados, de nossa própria feitura, devem
ser reestudados ou completamente aban-
donados" — *O Plano Mestre de Evange-
lismo*, pág. 115. O objetivo é levar alvos
adequados à igreja.

Tome tempo e sinta o pulso de sua igre-
ja. Faça isto antes de surpreendê-la com
uma lista de "o que nós temos de fazer".
Lembre-se de que sua igreja tem uma his-
tória para contar. Uma história a respeito
de si mesma. Você não vê essa história
em alvos ou gráficos. Ela está em cada
rosto, em cada vida. Isto me tomou um
ano de visitação, realização de comissões
e elaboração de pesquisas para conhecer
a minha igreja. Sua história de altos e
baixos. De pessoas e eventos. A profun-
didade espiritual de alguns. O vazio de
outros. Minha igreja com suas feridas e
sua beleza tem alguma coisa exclusiva pa-
ra dar. Tudo isto deve ser levado em con-
ta no processo de planejamento.

Duas palavras

Assim, você conhece sua igreja.
Você está em contato com o seu
único papel no plano de Deus. Você está
comprometido para utilizar os recursos
para cumprir seu ministério. Mas, alguns
descrentes poderão dizer: é aí justamente
onde a filosofia se choca com a realidade.

Será que isso realmente funciona? Bem, é
preciso não esquecer duas palavras: *indi-
vidualização e envolvimento*.

No mês de novembro comeci uma sé-
rie de sermões tendo em vista conscienci-
zar a igreja de sua missão. Em dezembro,
separei um sábado especial para definir
essa missão em termos do próximo ano.
Essa definição deveria incluir objetivos pa-
ra o evangelismo, crescimento da igreja,
conservação de membros, atividades so-
ciais, serviço à comunidade, e o progra-
ma tradicional anual da igreja.

Nesse caso, os objetivos são talhados
para a nossa igreja. Adequados ao con-
texto da nossa comunidade, nosso povo,
nossa visão de ministério. Estudos demo-
gráficos, exame das necessidades sentidas
pela comunidade, e informações forneci-
das pelas autoridades podem ser úteis pa-
ra individualizar os objetivos da missão
de nossa igreja.

No dia das missões, dividimos a igreja
em grupos de cinco ou seis. Cada grupo
tinha um líder selecionado com base em
sua habilidade. Os grupos discutiram so-
bre o que seria uma declaração de missão
e como definir seus alvos. Depois de ter-
minada a discussão, cada grupo escreve-
ria uma declaração de missão, determi-
nando objetivos específicos. Grandes car-
tazes expuseram os resultados. Então a
atmosfera do culto tornou-se positiva, ex-
pectante e mesmo excitante.

À tarde, uma comissão de planejamen-
to se reuniu para considerar os recursos
disponíveis. Foram avaliados recursos fi-
nanceiros e humanos. Depois o plano foi
exposto à igreja. Discutimos os métodos,
recursos, e o pessoal que o executaria.

Na semana seguinte todo o planejamen-
to foi impresso no boletim. A igreja apro-
priou-se dos alvos. Este não era o progra-
ma do pastor. Não eram os alvos do pas-
tor. Eram os alvos e o programa da igre-
ja. Alvos para causar impacto em nossa
cidade. Em lugar de apatia, havia agora
um claro propósito. Partilhando objeti-
vos, com um plano no qual todos esta-
mos envolvidos, a igreja se move.

Isso pode acontecer em sua igreja tam-
bém. Quem quer que seja você, onde quer
que exerça seu ministério, Cristo lhe cha-
mou para um ministério de êxito.

Planejar alvos consentâneos com as ca-
racterísticas e necessidades da igreja, e par-
tilhá-los com ela, pode tornar isso possível.

O Trigo e o Joio Identificados

RUBEN AGUILAR

Professor de Teologia no SALT — AN

O século XIX viu surgir dentro dos seus limiares duas tendências humanas que, apesar de atuarem em esferas diferentes, estabeleceram conceitos antagônicos sobre a origem dos seres vivos e da sua finalidade. Uma tinha caráter científico e sugeria que os seres vivos incluindo o homem são o resultado de um processo natural de transformação. A outra possuía caráter espiritual e advertia o mundo com uma mensagem de juízo, da sua destruição mediante a intervenção de Deus que criou os céus, a terra, e o próprio homem.

Sendo que as duas tendências atuaram em campos diferentes, poderia ser causada a impressão de que entre elas não se relacionavam mutuamente, mesmo sendo para aproximá-las ou para definir seu antagonismo. No entanto, o centro vital de cada uma delas reside na aceitação ou não de um Deus todo-poderoso e criador do Universo.

Embora os conceitos sobre a origem natural dos organismos vivos tenham uma antiga procedência, com fracas expressões durante o transcurso da história do pensamento científico, o século XIX marca o afloramento definitivo dessa tendência que estabelece a idéia do surgimento natural das espécies com a chamada "Teoria da Evolução". Foi nesse mesmo século, embora atuando em outro campo da atividade intelectual humana, que se ergueu com sólido embasamento profético, a convicção do pronto retorno de Jesus. Formase então um movimento que aparece em forma difusa em diferentes lugares do mundo, mas que se torna sólido na América do Norte, com uma mensagem de Juízo e de exaltação à Divindade criadora.

O propósito do presente estudo é verificar o paralelismo histórico do surgimento e desenvolvimento dessas duas tendências do século XIX.

Identificação

Pode-se supor que o estabelecimento do Evolucionismo no século XIX foi o resultado de um processo natural de desenvolvimento embrionário dessa teoria, desde sua gestação em tempos antigos até seu aparecimento à luz, mediante parto espontâneo. O evolucionismo do século XIX não foi o resultado de um processo progressivo e constante de idéias que ao longo dos séculos de história científica lhe teriam dado forma e expressividade.

A teoria evolucionista surgiu no século XIX como o brilho inadvertido de um meteorito; como as ondas sísmicas que repentinamente deixam perceber seus efeitos desastrosos; como a inesperada erupção vulcânica que violentamente derrama sua massa magmática. Destarte, a razão histórica para explicar o surgimento do evolucionismo, é obviamente inadmissível. Por que teve que ser no século XIX?

Na Bíblia, livro Sagrado do Cristianismo, encontra-se registrada uma parábola de Jesus relacionada com o surgimento da falsidade, do erro doutrinário, dos conceitos que negam os atributos divinos e da sua eficácia, num ambiente onde fora plantada e revelada a verdade, a pureza doutrinária e a exaltação dos atributos divinos. É a parábola do Trigo e do Joio (Mat. 13:24-30).

O evolucionismo do século XIX que rejeita o poder criador de Deus, que atribui à Natureza propriedades ilimitadas e que nega a própria intervenção divina nos eventos naturais, não pode menos que representar o Joio, com suas propriedades nocivas e deletérias. Por outro lado, a exaltação do Ser Divino, com Seus atributos criadores e redentores, a observação de instituições que identificam e comemoram o poder criador de Deus, o reconhecimento das leis morais e naturais e sua vigência, como procedentes do Ser Eterno, são as características identificadoras daquilo que constitui o Trigo.

Alguns setores do cristianismo têm assimilado de formas diferentes os postulados evolucionistas, aceitando, através de uma visão racional, as evidências indemonstráveis que sustentam essa teoria. Ainda mais, têm permitido o declínio de sua fidelidade ao Deus todo-poderoso, maculando sua fé com a concepção de que o Criador é menos poderoso que a natureza criada. Essas expressões de fé relativa não podem ser representadas pelo Trigo genuíno da verdade. Dessa maneira a indicação da representação do Trigo vitalizador recai na expressão de fé dos que reconhecem o atributo criador de Deus, conforme é relatado no capítulo primeiro de Gênesis; e ao mesmo tempo manifestam submissão voluntária a Seus preceitos, obedecendo Seus mandamentos que incluem a observância da única instituição comemorativa da criação — o Santo Sábado.

Na atualidade, como instituição religiosa organizada sob princípios éticos alicerçados nas Sagradas Escrituras, e estabelecida sobre uma base doutrinária genuinamente bíblica; a Igreja Adventista do Sétimo Dia é talvez a única comunidade que propaga sua fé criacionista conforme é descrito no livro de Gênesis, e que comemora esse fato observando como sagrado o sétimo dia semanal.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia cumpre dessa maneira a comissão escatológica prefigurada nas mensagens angélicas do capítulo 14 do livro de Apocalipse, onde é destacado o imperativo: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, pois é chegado a hora do Seu juízo; e adorai Aquele que fez o céu, e a terra,...” (Apoc. 14:7). Essa instituição religiosa teve sua origem no século XIX, mediante a propagação de uma mensagem de Juízo, preparando a Segunda Vinda de Jesus, e de adoração

ao Deus criador. Cabe, portanto, à Igreja Adventista do Sétimo Dia a designação de Trigo, no contexto da parábola, pelo seu papel de portador da verdade divina.

Deveria impressionar a mente de todo aquele que procura a inesgotável fonte da verdade, o fato de que no mesmo período, no ocaso da história da humanidade, quando os últimos raios celestiais permitem ainda diferenciar o grão de trigo do joio; se verifique o desenvolvimento do Adventismo e do Evolucionismo, como duas plantas preparadas para a ceifa.

O florescimento dessas duas ideologias num mesmo período cronológico, já seria um fato suficiente para inferir uma aplicação da parábola do Trigo e do Joio. No entanto, o sincronismo verificado no desenvolvimento histórico dessas duas tendências, revela ainda mais os valores espirituais e eternos de uma, e materiais e temporais da outra.

Eventos preliminares

A difusão tanto das idéias adventistas como as do evolucionismo do século XIX surgiu de fontes variadas de expressão e em diferentes lugares do mundo. Essas duas ideologias nos seus começos, tiveram vários expositores que prepararam suas trajetórias definitivas, atuando como raízes separadas que convergem para sustentar o tronco de uma árvore frondosa.

Ao raiar o século XIX o adventismo foi propalado em diversos lugares e por instrumentos variados. Talvez a obra que causou maior impacto foi o livro intitulado *A Vinda do Messias em Glória e Majestade*, do sacerdote jesuíta Manuel Lacunza, editado na Itália em 1801, algum tempo depois da morte do seu autor.¹ Essa obra converteu personalidades notáveis das Américas como o general Manuel Belgrano, patriarca da independência argentina, e José Gervásio Artigas, patriarca da independência uruguaia; e da Europa como o bispo de Astorga, Espanha, Dom Felix Torres Amat, quem propiciou a tradução da Bíblia para a língua espanhola.

Na Europa destacaram-se como pregadores do Adventismo, o suíço Jean G. de la Fléchère; os alemães Johann Petri, Johann Richter, Daniel Wilson e Joseph Wolff; o inglês Henry Drummond, que fora

professor da Universidade de Oxford e membro do Parlamento Britânico.

Nesse mesmo período, a semente do evolucionismo era depositada por ilustres homens de ciência como Treviranus, que publica na Alemanha em 1802, sua obra sobre Biologia, na qual expõe a idéia de que as formas originais de vida, transformaram-se em organismos mais evoluídos e mais complexos através de um processo gradual de desenvolvimento.² Na França, Jean Baptiste Pierre Antoine de Monet, Marquês de Lamarck, naturalista de excepcionais condições, publica sua *Philosophie Zoologique*, onde pela primeira vez aparece exposta a idéia da evolução dos animais, baseada no princípio da adaptação ao meio ambiente.³

Outros eminentes cientistas que no mesmo período difundiram as primeiras idéias sobre a Evolução, foram: Erasmo, na Inglaterra; Manterpuis, na França; Oken, na Suíça; Herder e Goethe, na Alemanha.⁴ No entanto, o expoente máximo do adventismo, por cuja pregação consolidou-se mais tarde a organização eclesíástica que crê na segunda vinda de Jesus e reconhece a atuação de um Deus criador, foi Guilherme Miller. De igual forma, quem solidificou o conceito da Evolução no século XIX, que rejeita a ação criadora de Deus, foi Charles Darwin. É na obra dessas duas eminentes personalidades do séc. XIX que pode-se apreciar o desenvolvimento progressivo do adventismo criacionista e do evolucionismo ateuista.

Foi no ano de 1816 que Guilherme Miller torna-se consciente do seu estado de pecaminosidade ao mencionar em forma leviana o nome de Deus, um hábito adquirido quando servia no exército.⁵ Num domingo de outono desse mesmo ano, no momento em que fazia a leitura do sermão no culto dominical, Miller sentiu uma força interior que o impedia de continuar. "Subitamente o caráter de um Salvador ficou gravado profundamente no meu ser", escreveu mais tarde.⁶ Aquela experiência marcou o início de uma devoção em busca do criador e da Sua vontade através da oração e a leitura da Palavra, "...comparando plenamente a Escritura com a Escritura".⁷

Por outro lado, o ano de 1816, registra o início da devoção ao estudo sobre a transformação das espécies, estimulada pela publicação na França do livro *Histoire Naturelle des Animaux Sans Vertèbres*, de La-

marck. Nessa obra seu autor sustenta a doutrina de que todas as espécies, incluindo o homem, descenderam de outras já existentes como resultado de uma lei natural e não por um mecanismo miraculoso.

Em 1818 Guilherme Miller conclui pela primeira vez que a vinda de Jesus será em 1833. Mais tarde relatou este fato na sua obra *Apology and Defense*, com as seguintes frases: "ao final dos meus dois anos de estudo das Escrituras, cheguei à conclusão de que dentro de 25 anos todos os afazeres da nossa vida presente, terão chegado ao seu final."⁸ Nesse mesmo ano o ambiente científico conclui pela primeira vez no reconhecimento do princípio da Seleção Natural, após a apresentação dos estudos do Dr. W. C. Wells diante da *Real Society* de Londres, e publicados no famoso livro *Two Essays Upon Dew and Single Vision*.⁹

O crescimento

O ano de 1831 surge como uma eminência sobre a planície histórica onde se desenrola a lide ideológica do adventismo e do evolucionismo. Esse ano constitui-se no marco referencial dos começos propriamente ditos dessas duas tendências.

Pode-se afirmar que 1831 registra o início da pregação adventista quando Guilherme Miller, persuadido por 15 anos de estudo das profecias bíblicas, sente o impulso de dar a conhecer suas conclusões.¹⁰

Por semanas, meses ou talvez anos, a comissão sagrada: "vai e dize-o ao mundo", havia impressionado profundamente seu coração. Uma e outra vez havia respondido "não posso ir, Senhor"¹¹. Finalmente resolveu fazer um pacto com Deus. Escreveu ele mais tarde: "...estabeleci um solene pacto com Deus, que se Ele abrisse o caminho, eu iria e cumpriria a minha obrigação para com o mundo, ... se recebesse um convite para falar publicamente em algum lugar, eu iria e falaria o que encontrei na Bíblia".¹²

Menos de uma hora mais tarde, o jovem Irving Guilford chegou até a residência de Miller, procedente da localidade de Dresden, trazendo consigo um convite para que pregasse na sua igreja no dia seguinte. Era precisamente um sábado de manhã. Guilherme Miller nessas circunstâncias saiu em direção ao bosque para

orar. Sentia-se atônito pelo convite recebido, desejando ficar livre do compromisso assumido perante Deus. Ao final dessa agonia decidiu cumprir com a vontade divina de pregar a mensagem do advento de Jesus.¹³ Assim, no segundo domingo de 1831, ele proferiu seu primeiro sermão sobre a Segunda Vinda de Jesus. Ao final do serviço, ele foi convidado a prosseguir com suas mensagens durante os seguintes dias da semana.¹⁴

O ano de 1831, também registra a colocação dos alicerces sobre os quais foi erigido o edifício da teoria evolucionista. Foi em agosto desse ano, precisamente no mesmo mês, quando Miller recebeu o convite para pregar pela primeira vez a mensagem sobre a vinda de Jesus, quando Charles Darwin participa de uma excursão científica de observação de formações geológicas acompanhando seu amigo Sedgwick, na região de Wales. Durante os trabalhos, Darwin ficou extasiado ao descobrir nas camadas geológicas daquela região central da Inglaterra, uma concha espiralada, comum nas regiões tropicais.¹⁵ Então, sua mente começou a elaborar conjecturas referentes à possibilidade de transformação das estruturas anatômicas dos seres vivos, para se adaptarem ao meio em que vivem.

Charles Darwin concebeu que a possibilidade de transformação dos seres vivos, teria sido um fato real no passado. Para confirmar essa suposição, seria necessário obter dados precisos de várias espécies. Darwin decide então, ouvindo o conselho do seu amigo A. S. Henslow, professor de Botânica na Universidade de Cambridge, participar como naturalista da viagem de observação científica que realizaria o navio H. M. S. Beagle, pelos mares do sul. Assim começou esse ano de 1831, a série de fatos que, segundo Darwin, “somente poderiam ser explicados sobre a base de que as espécies modificaram-se gradualmente”¹⁶.

O ano de 1832 registra o aparecimento de dois importantes trabalhos literários que impuseram grande influência no raio de ação tanto do adventismo como do evolucionismo.

Em maio de 1832 é publicado o primeiro de uma série de 16 artigos de Guilherme Miller relacionados com o final catastrófico do mundo.¹⁷ Os artigos apareceram no jornal batista de pequena circula-

ção, *The Vermont Telegraph*. Aquele mesmo ano, Charles Lyell publica sua obra *Principles of Geology*, na qual estabelece o princípio do Atualismo em oposição à teoria catastrofista.¹⁸

Segundo as idéias de Lyell, universalmente aceitas ainda na atualidade, as camadas geológicas tiveram uma formação uniforme e regular ao longo de imensos períodos de tempo, sem que tivessem ocorrido mecanismos catastróficos.¹⁹ Lyell certamente adotou as idéias de William Smith, quem admitia que toda formação geológica, não importa onde se apresente, deve mostrar a mesma seqüência de camadas e os mesmos tipos de fósseis. As posições de Lyell foram conhecidas como princípio do Uniformismo.

O ano de 1836 foi um período de intensas atividades na vida de Guilherme Miller. Embora freqüentemente requerido para pregar, ele é solicitado para que o conteúdo das suas mensagens sejam condensadas num único livro. O resultado foi uma edição ampliada de *Evidences From Scripture and History of the Second Coming of Christ About the Year A.D. 1843 and His Personal Reign of 1.000 Years*²⁰.

Naquele mesmo ano, voltando da travessia de 5 anos a bordo do navio H. M. S. Beagle, Charles Darwin, dedica-se a escrever o resultado das suas observações, iniciando dessa maneira uma frutífera produção literária científica que dará estrutura à teoria do evolucionismo. Suas primeiras conclusões foram publicadas com o título *Narrative of the Surveying Voyages of Her Majesty Ships “Adventure” and Beagle Between the Years 1826 and 1836*²¹.

O ano de 1842 registra uma fase de desânimo na vida dos dois líderes dessas ideologias, pelo excessivo desgaste que demanda conduzir tão singulares empreendimentos. Não demonstram carência de fé nas suas convicções, nem temem pelos resultados que poderiam ser adversos. Não se vislumbra uma faísca de renúncia, nem redução das cargas que sobrelevam. O desânimo, provavelmente, foi o produto de não poder ser e fazer mais do que suas humanas limitações lhes permitiam.

Foi naquelas circunstâncias que Charles W. Steward, chefe dos correios em Morris-town, Vermont, dirigiu uma carta a Guilherme Miller, na qual expressava: “... a mente das pessoas está poderosamente dirigida em V. S., e existe a impressão na

mente de muitos de que algum grande evento poderá ocorrer... Muitos aguardam profundamente sua visita, enquanto outros manifestam grande desconfiança em que isso aconteça"²².

Aquelas palavras foram para Miller como gotas revitalizadoras sobre plantas em crescimento, como os raios do ocaso que se refletem no firmamento permitindo a extensão do dia, como a fonte de energias adicionais para prosseguir com a sua tarefa.

Naquele mesmo ano de 1842, Charles Darwin, afligido pela carga do trabalho em que está empenhado, embora reduzido até os extremos o interesse daquilo que não está relacionado com suas idéias sobre a origem das espécies, sofre de males físicos que o conduzem à prostração. Necessita de energias extra-físicas para prosseguir. Assim, em resposta a um conselho recebido, decide mudar-se para Down, cujo ambiente natural favorece sua recuperação, e propicia-lhe condições para continuar. Foi assim que naquele mesmo ano, publica *The Structures and Distribution of Coral Reefs*, cujo conteúdo apresentava a primeira parte da geologia estudada durante a viagem do "Beagle".

O amadurecimento

O paralelismo histórico encontrado no desenvolvimento e expansão do adventismo e do evolucionismo, atinge sua definição plena num período quando o conteúdo de ambas ideologias deve ser submetido à prova da aceitação por parte dos seus seguidores.

O ano de 1844 é um período onde a pregação do adventismo chega a sua fase mais crítica, pois seu caráter ideológico e sua estrutura profética não precisam de outros elementos para definir seus propósitos. O Adventismo alcançou a sua maturidade com a aceitação do sábado comemorativo da criação e a extrema prova de fé na segunda vinda de Jesus, que aconteceria naquele ano.

O Evolucionismo chega também a sua maturidade em 1844, quando eminentes homens de ciência e importantes centros acadêmicos definem sua posição em favor das idéias de Darwin.

O ano de 1844, como outra data relevante no paralelismo histórico das duas ideologias, registra o brilho da primeira estrela

sabática que precederia à luminosidade da imensa plêiade de ministros adventistas guardadores do sábado. Essa primeira luz tênue foi Frederick Wheeler, que, após ouvir uma advertência de Rachel Oakes Preston sobre a obediência aos Mandamentos de Deus, dedicou vários dias meditando e estudando até que, convicto da validade do preceito, guardou seu primeiro sábado pregando um sermão alusivo a essa verdade. Era um sábado de março de 1844.²³

Naquele mesmo ano na Inglaterra, Robert Chambers, reforçando as idéias de Charles Darwin, publica *Vestiges of the Natural History of Creation*, na qual sustenta que a criação consiste num código de leis através das quais as espécies surgiram sem intervenção divina.²⁴

Em 1844, enquanto a verdade do sábado pretendia exaltar o poder criador de Deus, surgiu uma obra anônima sob o título de *Vestiges of Creation*, objetivando ofuscar a verdade criacionista. Segundo o autor dessa obra a transformação das espécies desde as formas mais simples às mais complexas, é o resultado de dois fatores: primeiro, de um impulso natural que permite sua elevação a um nível superior de organização; e segundo, de uma força vital que possibilita a transformação dos seres vivos segundo as necessidades do meio ambiente.²⁵ Uma característica mais evidente do amadurecimento do evolucionismo, em 1844, foi dada pela publicação da obra de C. Darwin *Geological Observations on the Volcanic Islands Visited During the Voyage of H.M.S. "Beagle"*²⁶.

No mês de agosto de 1844 os Adventistas realizaram uma reunião campal em Exeter, New Hampshire, onde famílias inteiras chegaram de todas as regiões de New England estimuladas pela notícia antecipada de que "grandes coisas" seriam reveladas em Exeter.²⁷ A reunião confirmou o dia do aparecimento de Jesus em 22 de outubro. No entanto, o evento não aconteceu e o adventismo foi seriamente atingido nos seus propósitos sagrados. Os dias que seguiram a esse desapontamento revelaram que só um remanescente fiel e obediente aos desígnios divinos permanecera como demonstração de fé madura. O trigo não poderia, naquelas circunstâncias, ser cortado, pois cabia-lhe desempenhar o papel único de portador da verdade diante do joio que adquiria aspecto de robusta maturidade.

Em 1846, Joseph Bates publica um panfleto de quarenta e oito páginas intitulado *The Seventh Day Sabbath a Perpetual Sign*, o qual proporcionou um poderoso instrumento para a propagação do sábado como instituição comemorativa da criação. O evolucionismo, em contrapartida, pretendia atingir à fé na doutrina criacionista, desviando da mente dos homens as evidências desse fato. A teoria que já fizera incursão nos centros acadêmicos, desfraldava naquele ano a bandeira do ceticismo com a obra do veterano geólogo M. J. Omalius d'Halloy, editado em *Bulletins de l'Académie Royale, Bruxelles*, na qual sustenta a opinião de que é mais provável que novas espécies tenham sido produzidas por descendência com modificações, do que tenham sido criadas em separado.²⁸

Nos anos seguintes, os ensaios científicos publicados por C. Darwin sobre a Teoria da Evolução, brotam com espontaneidade. o célebre naturalista britânico deu especial ênfase às questões relativas à distribuição geográfica, à variação dos animais e plantas silvestres e domésticos, à herança e variação e à morfologia e desenvolvimento. Darwin foi a peça principal que outorgou categoria e autoridade científica à idéia da Evolução com seu trabalho máximo: *The Origin of Species by Means of Natural Selection* publicada em 1859, precisamente no ano quando o adventismo dava os passos definitivos na organização da Igreja Adventista.

No verão de 1859, o Pastor Tiago White propôs a antecipação da reunião anual dos adventistas, visando à organização definitiva dessa comunidade eclesiástica. Após efetuarem os preparativos necessários para a celebração dessa reunião e definirem as razões que deveriam ser expressadas na denominação da Igreja, aquela assembléia finalmente determinou a sua organização, definindo seu nome como: Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Certamente mais dados serão encontrados através de estudo acurado sobre o desenvolvimento do Adventismo Criacionista e do Evolucionismo Ateísta para demonstrar seu sincronismo. Em atitude de ceticismo pode-se qualificar até de simples coincidência casual. Porém a casualidade, sendo um fato não pré-determinado, só pode ser explicado como eventos que adquirem realidade sob o comando de Deus. Destarte, é possível inferir a proposição profética-

escatológica da parábola do Trigo e o Joio. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, surgida no Séc. XIX, é o trigo plantado por Deus num período por Ele determinado; o Seu inimigo plantou no mesmo período o joio, representado pelo evolucionismo.

O tempo da ceifa se aproxima. O joio será cortado e queimado, mas o trigo permanecerá pra vitalizar as nações.

Referências

1. Victor E. Ampuero Matta. *Esta Era Maravilhosa y Nuestro Destino*. Ass. Casa Ed. Sudamericana, Bs. As. 1964, pág. 76.
2. A. D. White. *Histoire de la Lute Entre la Science et la Theologie*, Guillaumin et Co. Paris, 1899, pág. 47.
3. ESPASA-CALPE, *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*. Barcelona, 1924, vol. 29, vb. Lamarck, pág. 366.
4. A. D. White, *Op. Cit.*, pág. 47.
5. Francis Nichol. *The Midnight Cry*, Review and Herald Pub. Ass. 1964, pág. 29.
6. Matilda Erickson Andress. *Story of the Advent Message*, Review and Herald Pub. Ass. 1926, pág. 12.
7. F. Nichol. *Op. Cit.* pág. 33.
8. *Ibid.*, pág. 35.
9. Charles Darwin. *Origin of Species*, col. Great Books of the Western World, vol. 49, pág. 12.
10. Artur W. Spalding. *Origin and History of Seventh-day Adventists*, Review and Herald Pub. Ass., vol. 1, pág. 20.
11. M. E. Andress. *Op. Cit.*, pág. 9.
12. F. Nichol, *Op. Cit.*, pág. 43.
13. James Joiner. *These Were the Courageous*, Southern Publishing Association Nashville, Tennessee, 1968, pág. 12.
14. Emma Howell. *The Great Advent-Movement*, Review and Herald Pub. Ass. 1957, pág. 14.
15. Neal G. Gillespie. *Charles Darwin and the Problem of Creation*, The University of Chicago Press, 1979, pág. 42.
16. R. Maynard Hutchins. ed. *Great Books of the Western World*, vol. 49, Darwin, pág. 5.
17. J. N. Loughborough. *Rise and Progress of the Seven Day Adventists*, General Conference Ass. of the S. D. A., Battle Creek, Mich., 1892, pág. 15.
18. W. F. Bynum e outros. *Diccionario de la Historia de la Ciencia*. Barcelona, ed. Harder, 1986, vb. Evolution, pág. 212. J. Huxley, em *O Processo Evolutivo*, citado por Gioconda Mussolini em *Evolução, Raça e Cultura*, Companhia Editora Nal., edit. da USP, 1969, pág. 24.
19. A. E. Wilder-Smith. *Man's Origin, Man's Destiny*, Bethany House Publishers, Min. Minnesota, 1975, pág. 48.
20. Leroy E. Froom. *The Prophetic Faith of Our Fathers*, Review and Herald Pub. Ass., vol. 4, pág. 507.
21. C. Darwin, *Op. Cit.*, pág. 13.
22. F. Nichol, *Op. Cit.*, pág. 103. Manuscript Letter, fev. 21, 1842.
23. Everett N. Dick. "The Millerite Movement 1830-1845" in *Adventism in America, A History*, ed. Garyland William B. Eerdmans Pub. Co. Grand Rapids, Mich. 1986, pág. 32.
24. N. E. Gillespie, *Op. Cit.*, pág. 25.
25. C. Darwin, *Op. Cit.*, pág. 15.
26. R. Maynard Hutchins, *Op. Cit.*, vol. 1, pág. 92.
27. A. W. Apalding, *Op. Cit.*, vol. 1, pág. 92.
28. C. Darwin, *Op. Cit.*, pág. 15.

O Verdadeiro Significado do Batismo de Jesus

MOISÉS MATTOS

Distrital em Paranavaí, PR

Ao nos depararmos com o episódio do batismo de Jesus Cristo, relatado nos evangelhos, poderíamos nos perguntar: Por que foi Ele batizado, considerando que Sua vida não foi contaminada pelo pecado?

Na verdade, ao longo da Era Cristã, diversas tentativas foram feitas para explicar esse ato do Filho de Deus, sendo levantadas algumas teorias a respeito.

Para alguns, Jesus foi batizado apenas para satisfazer os desejos de Maria, Sua mãe, e de Seus próprios irmãos.¹ Mas esse é um argumento pueril, e que foge ao próprio escopo da obra messiânica. Ele nos mostra um Cristo sem decisão própria, controlado por outros seres humanos.

Outra hipótese que tem sido levantada é a de que o batismo de Jesus no Rio Jordão, era uma antecipação do “batismo” que representaria Sua paixão e morte (S. Luc. 12:50). Essa seria uma opção viável; todavia, é preciso mencionar que ela “vai além do que o próprio texto poderia suportar”.²

O grupo herético dos Adocianistas usa o batismo como a ocasião em que Jesus, por ser uma boa pessoa, foi adotado como o Messias, negando-Lhe a filiação divina em sentido próprio. De forma semelhante, temos a posição defendida por Cerinto, herege gnóstico, segundo o qual Jesus era um homem; e Cristo, um divino poder, desceu sobre Ele no batismo, tornando-O Filho de Deus. Tal afirmativa é totalmente fantasiosa, antibíblica, e atenta contra um dos pilares da Cristologia — Jesus como ser divino-humano.

A verdade é que se realmente deseja-

mos uma resposta fidedigna para a questão em apreço, temos que buscá-la na Bíblia, nos Evangelhos Sinóticos.

A palavra bíblica

Os Sinóticos relatam o batismo de Cristo de forma semelhante, apenas com algumas ligeiras variações que servem à própria intenção do autor em atingir de forma eficaz o seu público leitor. Um claro exemplo disso está no relato feito por Lucas, onde ele singularmente retrata a Jesus como estando em oração no momento do batismo (S. Luc. 3:21).

Isso pode ser explicado levando-se em conta seu grande interesse em mostrar o Mestre como alguém habituado à oração constante. Veja-se por exemplo, S. Luc. 6:12; 9:18 e 28; 11:2; 22:32 e 41; 23:46.

Mas é no Evangelho de S. Mateus que a questão do significado do batismo de Jesus vem à tona com mais clareza. Em sua narrativa, o evangelista inicia o assunto falando da relutância de João Batista em batizar Jesus (S. Mateus 3:13-17). Com sua humildade característica, o precursor do Messias tenta dissuadi-Lo de ser por ele batizado; pois, o que de fato deveria ocorrer era o inverso — João ser o batizando, e Cristo o oficiante da cerimônia.

A resposta do Mestre vem de forma categórica: “Deixa por enquanto, porque assim nos convém cumprir toda a justiça...” (S. Mat. 3:15).

A fim de entendermos essa declaração, é necessário primeiramente que atentemos para um dos principais objetivos do escritor do Evangelho, qual seja, o de apresentar a Jesus como cumprimento das expectativas do Velho Testamento. Com esse propósito, lançou mão do maior número de citações das Escrituras do Antigo Testamento.

Sabendo disso, podemos concluir que a palavra *justiça*, empregada na resposta de Cristo “deve ser vista como o total propósito de Deus para Seu povo, e não (tal como é freqüentemente empregada em homilética), como uma qualidade moral apenas... ‘cumprir toda a justiça’ deve ser vista como o cumprimento, não somente das demandas de Deus sobre Seu povo, mas também o cumprimento de todas as Escrituras, nas quais essas demandas estão especificadas: lei, profetas, escritos. De qualquer maneira, o batismo administrado por João era uma direta resposta à vontade de Deus, e desse modo o Messias devia submeter-Se a ele”.³

Considerado por esse prisma, o batismo de Cristo marca o início de um ministério no qual Ele deveria estar plenamente identificado com Seu povo e cumprindo as profecias que falavam a Seu respeito. Além disso, ao Se misturar com “todo o povo batizado” (S. Luc. 3:21), Jesus identificou-Se conosco dando provas reais de Sua natureza humana. Assim, ainda que não necessariamente, o batismo de Jesus representa uma prova de Sua humanidade e uma perfeita identificação com o ser humano.

Prova da divindade

Porém, o significado desse ato vai mais longe do que um simples pertencer ao grupo dos humanos. Em sua significação mais profunda, ele nos leva a concluir pela divindade do Filho de Deus.

Na expressão comum aos três Evangelhos: “Este é o Meu Filho amado em quem Me comprazo”, temos a chave para tal dedução. A frase dita pelo Pai é uma junção do Salmo 2:7, onde o filho é ungido para reinar, e de Isaías 42:1, onde temos a figura do Servo do Senhor. Dessa forma, o Pai toma a Jesus como Filho, não em nosso significado simples e ocidental, nem do ponto de vista adocianista, mas para demonstrar a ligação de ambos desde toda a eternidade (S. João 17:5).

A voz ouvida refere-se a uma filiação já existente, e que agora e em outras ocasiões foi ratificada (S. Mat. 17:5; 2:15; S. Luc. 1:32; 9:35).

É importante notar que a expressão “Este é...” fala de algo já existente, e não de um dado novo na conjuntura que aqui se forma. A expressão “filho de Deus”, nos Evangelhos e na história do pensamento teológico, demonstra “a divindade essencial de Jesus Cristo. Ele é o Filho de Deus, ou seja, Deus o Filho, a segunda pessoa da trindade divina”.⁴

Outro dado a ser levado em conta é a palavra “amado”, adicionada ao termo “Filho”, pois ele nos amplia a visão e confirma a conclusão a que chegamos. O termo grego *agapétos* (amado) algumas vezes é mencionado como sinônimo de *monogenês*, isto é, único da sua espécie. Desse modo a frase poderia ser assim traduzida: “Este é Meu Filho único...”.⁵ não no sentido comum, mas único em qualidade, diferente de todos os demais, Único em sua espécie. Divino.

Conclusão

Ellen G. White, ao comentar as palavras dirigidas por Deus, o Pai, a Jesus, diz: “Estas palavras de confirmação foram proferidas para inspirar a fé naqueles que testemunhavam a cena... A voz declarou ser Ele o Filho do Eterno.”⁶

Concluimos, pois, que o batismo de Jesus representa para nós bem mais que um exemplo, o que por si só já é deveras significativo, mas vai além. Ele mostra, de um lado, a inconfundível natureza humana; e, de outro, Sua natureza divina como Filho de Deus, e as devidas implicações para a teologia cristã.

Seu batismo nos mostra um Salvador próximo a nós, através de laços que jamais se partirão. Um Salvador identificado com Deus o Pai, sendo Ele também Deus em essência.

Referências:

1. William Barclay, *El Nuevo Testamento Comentado*, vol. 1, pág. 65.
2. Joseph A. Fitzmayer, *The Anchor Bible — The Gospel According to Luke*.
3. C. S. Mamm e W. F. Albright, *The Anchor Bible — The Gospel According to Matthew*, págs. 31 e 32.
4. George E. Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, pág. 15.
5. Sobre esse assunto, ver ainda: Pedro Apolinário, *As Testemunhas de Jeová e Sua Interpretação da Bíblia*, págs. 145 e 152, e George Ladd, *Op. Cit.*, pág. 156.
6. Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 98.